Herivelton Regiani

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Viviane Borelli

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A publicização do religioso na internet: o caso Genizah Virtual

Religious publicization on the internet: the Genizah Virtual case

Publicitación de los religiosos en internet: el caso virtual de Genizah

RESUMO

O presente artigo parte do conceito *espaço público*, fundamental para se compreender o papel da comunicação na sociedade contemporânea, para dedicar-se especialmente ao que hoje se denomina *publicização*. Analisa a publicização de temáticas e questões do campo religioso na internet, no caso específico do blog protestante *Genizah Virtual*. Evidencia-se o modo como a página busca trazer para o espaço público questões do campo religioso, conferindo a elas maior visibilidade e relevância, ao mesmo tempo em que publiciza reações desse campo às mudanças que ocorrem na sociedade, inserindo os fiéis no debate de temas de relevância social.

Palavras-chave: Comunicação; Espaço público; Publicização; Comunicação e religião.

ABSTRACT

This article is based on the concept of *public space*, fundamental for understanding the role of communication in contemporary society, and especially explores the so-called *publicization*. It analyzes the publicization of themes and issues of the religious field on the internet in the specific case of Protestant blog *Genizah Virtual*. It is shown how the page seeks to bring into the public space questions of the religious field, giving them greater visibility and relevance, and also publicizes reactions of this field to the changes that occur in society, inserting the believers in the debate of socially relevant issues.

Keywords: Communication; Public space; Publicization; Communication and religion.

RESUMEN

El presente artículo parte del concepto *espacio público*, fundamental para comprender el papel de la comunicación en la sociedad contemporánea, y explora especialmente lo que se denomina *publicitación*. En el caso específico del blog protestante *Genizah Virtual*, se analiza la publicitación de temáticas y cuestiones del campo religioso en Internet. Se muestra el modo como la página busca traer al espacio público cuestiones del campo religioso, otorgando a ellas visibilidad y relevancia, y también publicita reacciones de ese campo a los cambios que ocurren en la sociedad, incluyendo a los creyentes en el debate de temas de relevancia social.

Palabras clave: Comunicación; Espacio público; Publicitación; Comunicación y religión.

Submissão: 18-5-2017

Decisão editorial: 13-3-2019

Introdução

O conceito habermasiano de *esfera pública*, com seus desdobramentos na reflexão sobre o espaço público é, ainda, um dos principais eixos teóricos para o estudo das modernas democracias e, particularmente, para compreensão do lugar que a comunicação ocupa na constituição das sociedades ocidentais.

Neste trabalho, partimos, especialmente, da compreensão de autores que tomam o espaço público como um processo em constante evolução, não como uma realidade estática. Além disso, nos atemos a um aspecto específico nesse processo, a *publicização*. Procuramos refletir, particularmente, sobre o modo como se dá a publicização de questões religiosas no âmbito da internet e das redes digitais. Como evidência empírica, nos atemos a um caso particular inserido nesse processo, o *blog* de apologética protestante *Genizah Virtual*.

Nossa intenção é compreender como as questões religiosas, que, a partir da modernidade secularizante, tenderiam a ser relegadas à esfera privada, ganham novos contornos e são reinseridas no espaço público. Além disso, problematizamos o uso que se faz das mídias digitais e das redes sociais para essa publicização.

Nossa temática se encontra, dessa forma, nos entrecruzamentos entre o privado e o público, entre

os campos religioso e midiático. É nesse contexto que o conceito original de uma *esfera pública*, fundadora da democracia moderna, é revisto para possibilitar um olhar sobre os processos atuais de fragmentação e pluralização dos espaços públicos. Obviamente, o estudo que fazemos aqui é apenas um recorte em um amplo e complexo processo, mas que pode suscitar reflexões sobre as mudanças que vêm ocorrendo não apenas nas relações entre os campos sociais, mas na própria constituição do espaço público.

Inicialmente, discutimos os conceitos de espaço público e suas mutações ao longo de distintas proposições, para depois refletir sobre o processo de publicização, especificamente os modos por meio dos quais o *blog Genizah Virtual* publiciza questões do campo religioso.

Novos espaços públicos na internet

De acordo com Innerarity (2010, p. 7), o mundo em que vivemos é marcado pela “contradição entre o universal convite à participação num espaço público e a fragmentação dos discursos e interesses”. Mas será que isso significa uma degeneração do que Habermas (2003) havia identificado nas suas considerações no estudo da esfera pública burguesa, tão caras à compreensão da modernidade e das relações entre democracia e comunicação?

O autor ainda acrescenta:

...o espaço público – essa esfera de deliberação em que se articula o comum e onde são tratadas as diferenças – não constitui uma realidade dada, mas é, ao invés disso, uma construção laboriosa, frágil e variável que exige um contínuo trabalho de representação e argumentação... (INNERARITY 2010, p. 8).

Ou seja, trata-se de um conceito que pretende dar conta de um fenômeno em constante mutação, uma ideia que se concretiza em diferentes formatos e intensidades conforme os contextos e atores envolvidos, mas que se coloca como alvo e medida para a interação humana a respeito do que temos em comum.

Há muitos aspectos da vida social que poderiam caber sob a denominação de espaço público; em sentido estrito, porém, o conceito refere-se ao tipo da comunicação que é efectuada pelos actores sociais na esfera em que são decididos os assuntos de interesse comum. Como é lógico, esta esfera pode crescer ou anquilosar-se, conforme a qualidade da comunicação que nela decorre (INNERARITY, 2010, p. 10).

De acordo com o mesmo autor, o conceito de espaço público, com origem ligada ao debate político do século XVIII, precisa hoje ser refletido, não para adaptar às sociedades contemporâneas a um projeto de democracia, que surgiu no contexto do iluminismo, mas para compreender as condições atuais de governo e funcionamento da sociedade.

Uma das questões importantes nesse contexto em mutação é a distinção, que está na base do conceito, entre o público e privado. Segundo Innerarity, a tradicional dicotomia entre esses dois âmbitos já não explica a experiência contemporânea. Não estamos diante do fim do privado, nem do desaparecimento do público – algo que tem sido por repetidas vezes proclamado – “mas sim, no decurso de uma enorme transformação da relação entre o que deve ser considerado privado e o que deve ser considerado público” (INNERARITY, 2010, p. 11).

Junto com essa reconfiguração do que seja pertencente à dimensão pública ou privada na vida humana, há outras mudanças na esfera pública, advindas das transformações nas tecnologias de informação e comunicação. Inerarity (2010) afirma ser ainda incerto o efeito que a internet produzirá no espaço público: se ocorre o fortalecimento de uma cultura cívica de debate e participação, ou se, na verdade, acontece a fragmentação e polarização, com cada grupo de atores apenas reforçando informações que confirmam as suas próprias opiniões. Efetivamente, já não há um único espaço público, mas uma pluralidade de esferas públicas. Porém, a noção de espaço público permanece como um ideal, um modo de compreender e refletir sobre as sociedades que se pretendem democráticas.

Nesse sentido é que Romeyer (2015) também compreende o conceito de espaço público, não como uma realidade existente, mas como uma construção intelectual, útil para a análise. Espaço público é tomado de modo semelhante a um tipo ideal, no sentido utilizado por Weber (1996). Segundo a autora, “o espaço público é consubstancialmente evolutivo, uma vez que se inscreve histórica, cultural, econômica, social e politicamente em contextos que também estão em mudanças” (ROMEYER, 2015, p. 113). Por essas implicações, a noção se tornou tão polissêmica e complexa.

Ainda, segundo a autora, a visão comum – baseada em grande parte nas próprias ideias de Habermas – que aponta para uma degenerescência do espaço público a partir do século XX, deve ser revista, como o próprio Habermas revisou suas posições com base em novos dados sobre como os públicos reagem

e interagem com as comunicações e os modos como as sociedades reconfiguram os espaços públicos. Pode-se chegar, ao invés da noção de uma perda de relevância do conceito de espaço público, à conclusão de que “trata-se mais de um alargamento dos autores e das temáticas, contribuindo e entrando no espaço público com o qual nós somos confrontados” (ROMEYER, 2015, p. 120).

Já para Rodrigues e Braga (2015), a chamada fragmentação da esfera pública nos ambientes digitais, com seus novos dispositivos, “não é senão a consumação técnica de uma das características da experiência moderna. Nesse sentido não são as redes que a provocam, é antes a natureza fragmentada da experiência moderna” (RODRIGUES e BRAGA, 2015, p. 30).

De outro lado, Martino (2014), em capítulo sobre a esfera pública e a internet, afirma que, apesar de ser tentador pensar na internet como uma nova versão da esfera pública, espaço democrático de troca entre cidadãos, é preciso atentar para o fato de que as interações políticas na internet nem sempre se caracterizam por posturas democráticas. Há constante perda de foco nas discussões, que acabam se perdendo em polarizações ou intrigas pessoais.

Posição semelhante é defendida por Esteves (2010), que reflete sobre a possibilidade que a internet representa para novos modos de intervenção cívica. O autor pondera sobre as formas que devem tomar a comunicação que deriva das chamadas novas tecnologias e como essa comunicação pode se constituir um bem para a democracia. Para isso, discute o conceito de democracia que, na visão do autor, deve ser deliberativa:

Um modelo político que define como seu elemento nuclear, um espaço público politicamente activo, no contexto específico das actuais sociedades desenvolvidas – sociedades culturalmente pluralistas e altamente complexas em termos funcionais (ESTEVES, 2010, p. 173-174).

Para Esteves (2010, p. 174), a centralidade do espaço público decorre da própria “primazia que este modelo de democracia reconhece à questão da legitimidade”, fator necessário para uma governança efetivamente democrática.

O autor problematiza que a heterogeneidade do espaço público na contemporaneidade deve ser compreendida a partir de aspectos sociais e simbólicos. Nesse sentido, pondera que a internet – e todas as tecnologias que são desenvolvidas por meio dela – pode se constituir num mecanismo estratégico de participação cidadã. Entretanto, não há garantias de como esse processo vai se desenvolver e se efetivamente haverá uma democracia deliberativa, visto que, para ele, o que se vê, por hora, é que as novas tecnologias possibilitam que a “participação dos cidadãos na vida pública se pode tornar agora mais directa” (ESTEVES, 2010, p. 186).

Sobre o modo de como deveria ocorrer o debate em uma esfera pública, além da noção de democracia deliberativa referida por Esteves (2010), também recorremos a Martino (2014) que cita algumas regras a partir do que Habermas compreendia por racionalidade. São elas: a) Reconhecimento do interlocutor: todos os participantes devem reconhecer o direito dos demais de intervir com sua opinião, algo que nem sempre acontece nos fóruns e grupos de discussão na internet; b) Igualdade de condições de participa-

ção: não pode haver hierarquia entre os participantes. Nesse ponto a horizontalidade da internet e até a possibilidade de anonimato podem contribuir; c) Respeito às regras: quem fala, como fala, com quais direitos e cuidados.

O autor destaca que nos ambientes *online* nem todas as conversas se pautam em argumentos, partindo muitas vezes para ataques pessoais. Para Martino (2014), o ciberespaço tem, não obstante, uma dimensão pública considerável, tornando públicos determinados assuntos dando visibilidade a determinadas questões. Entretanto, ele também aponta para o fato de que ali se introduz uma outra dimensão às discussões, ao se mesclarem as questões públicas e privadas, com uma superexposição da vida particular.

De acordo com o autor, nem todos os temas que são discutidos em público fazem parte da esfera pública, mas aqueles que adquirem um sentido político:

Os temas da Esfera Pública se caracterizam pelo engajamento que provocam, ou deveriam provocar, nas pessoas. Não se trata, portanto, do simples interesse que um tema tem, mas da relevância que esse tema pode assumir dentro da democracia (MARTINO, 2014, p. 95).

Assim, ações particulares de relevância pública são as que têm potencial impacto sobre o modo de viver e os vínculos humanos próprios de uma sociedade democrática. Um fato privado tem lugar legítimo no espaço público quando é relevante para a discussão de temas que precisam ser levantados no debate público: seja por seu caráter positivo e motivador para uma parcela da sociedade em suas lutas, ou por seu caráter negativo e representativo do sofrimento de um grupo e evidência, ou de uma questão que necessite ser trabalhada.

A publicização do religioso na internet

Como dito acima, não se pode pensar em espaço público como um modelo estático, mas como um processo social em constante mudança. Romeyer (2015) ressalta que, nas sociedades atuais, não são apenas os burgueses esclarecidos que adquirem a capacidade de se expressar publicamente e levantar temas para o debate. Qualquer indivíduo que se sinta vítima de uma injustiça, ou que deseje se expressar pode fazê-lo. Assim, o que se mostra é uma grande capacidade autorregeneradora do espaço público como processo, e não sua diluição. E isso vai muito além da esfera política, tendo esta sido apenas a etapa inicial do processo.

No contexto contemporâneo, mais do que tentar mensurar o valor de um espaço público, é preciso ressaltar o elemento palpável dessa noção, que segundo a autora, é o processo de publicização. Este processo “compõe-se de duas fases distintas, mas indissociáveis: uma visibilidade e uma colocação em debate” (ROMEYER, 2015, p. 123).

Inúmeros são os domínios sociais cujos temas passam por esse processo. Romeyer (2015) analisa o modo como a publicização se dá no campo da saúde. No entanto, sua descrição do que seja o processo de publicização pode ser apropriada para diferentes campos sociais:

A passagem de uma questão social para uma questão pública ocorre também em um jogo de rotulagem e na capacidade de diferentes atores admitirem e reconhecerem sua definição em torno da questão. Trata-se de tornar sensíveis e dizíveis temas para um maior número de pessoas. Tornar uma questão pública, quer dizer, agir para lhe dar características de interesse

público, para depois torna-la visível, em se tratando potencialmente das relações com os poderes públicos (ROMEYER, 2015, p. 126).

Na publicização de uma questão estão envolvidas, segundo a autora, a capacidade de se mobilizar e a aptidão, também, para mobilizar outros para os temas sobre os quais se quer a atenção pública. A prática da publicização envolve várias operações, como a seleção, a focalização, a argumentação e a dramatização das questões para captar a atenção do maior número de pessoas possível, utilizando-se principalmente das mídias.

Nesse contexto, para a autora, a publicização de uma questão pode ser facilitada pela presença de atores civis, sejam reunidos, ou não, em coletivos, mas que possam organizar distintas ações coletivas – seja uma petição, manifestação ou um movimento social.

Os atores se reúnem em diferentes coletivos: associações (de vítimas, humanitárias, de caridade, profissionais), agências (profissionais ou administrativas), grupos de interesse, comunidades religiosas, organizações sindicais, partidos políticos, redes sociotécnicas (ROMEYER, 2015, p. 128).

Neste trabalho, nosso olhar se volta, especificamente, para a publicização no campo religioso. É necessário aqui lembrar que os campos sociais se constituem espaços estruturados (BOURDIEU, 2012), ou em domínios da experiência (RODRIGUES, 1999) dotados de certa autonomia em relação a outros campos que compõem o espaço público. Assim como ocorre nos outros campos – educacional, científico, político, econômico etc. – o campo religioso é caracterizado pela constante disputa interna, na qual agentes bus-

cam se firmar como figuras de autoridade, buscando acumular ou deter um certo capital cultural e social (BOURDIEU, 2012).

Houve tempos em que o religioso ocupou posição diferenciada em relação aos demais domínios da experiência humana. As sociedades modernas, porém, se distinguem daquelas em estágios anteriores por não se fundamentarem sobre a tradição, mas sobre uma busca constante de atualidade. Nessa nova organização social, a comunicação pelos meios passa a ter papel central na "representação da totalidade social" e nas "estratégias de engajamento do indivíduo" (MARTINO, 2001, p. 34).

O advento da modernidade implica em uma mudança profunda quanto ao papel da tradição e, particularmente, da tradição religiosa. Ocorre um processo descrito por Weber (1996) como desencantamento do mundo: uma racionalização crescente da sociedade, acarretando na denominada secularização. Nesse movimento histórico, a religião, antes tomada como a unificadora da experiência humana e dotadora de sentido e segurança às demais práticas, deixa de ser o centro e passa a se tornar um entre outros campos sociais. É o que também se pode ver na gênese dos campos sociais, segundo Rodrigues (1999), que insere a origem dos campos de conhecimento autônomos em uma descrição maior do advento de um tipo de racionalidade, que se constrói na modernidade.

Rodrigues (1999) descreve esse movimento secularizante como uma dessacralização da experiência do mundo, um processo de autonomização das dimensões da experiência. Os discursos e as práticas sociais, que antes eram naturalizadas pela tradição e pela religião, passam a ter a necessidade de serem

refletidas e legitimadas. É esse tipo de racionalidade que vai orientar e diferenciar os domínios e dimensões da experiência, conduzindo a um processo de autonomização dos campos sociais.

O mesmo autor descreve o período em que vivemos, já em estado avançado nesse processo, como sendo “a época da autonomização do campo dos media” (RODRIGUES, 1999, p. 2). Essa autonomização se dá de tal forma, que o campo midiático passa a se constituir não somente como o mediador entre os demais campos, conferindo-lhes voz e visibilidade diante do conjunto da sociedade, mas também, como mobilizador em torno de questões às quais os diversos campos deverão, à sua maneira e em seu domínio específico, responder. Cabe ao campo midiático refletir e problematizar as questões sociais que não são indiscutivelmente solucionadas por nenhum dos campos sociais de maneira isolada, questões estas que ele faz emergir da fronteira entre esses campos (as drogas, a sexualidade, o aborto, a ecologia são alguns exemplos).

Nesse processo, a religião, a quem antes pertencia, em maior parte, a representação da totalidade social, é reposicionada como um entre os campos sociais, que buscam representação por meio do campo midiático. Além disso, com a modernidade secularizante, a religião passou a ocupar mais a esfera privada, a das decisões individuais, do que a pública, ao contrário do que fora outrora, no tempo das sociedades tradicionais.

No entanto, alguns temas relacionados à religião se colocam na fronteira com os demais campos sociais, de modo a suscitar discussões que, devido a seus desdobramentos e possíveis consequências, ul-

trapassam o campo religioso. Hoje, questões como o fundamentalismo violento, as liberdades individuais, os direitos que envolvem gênero e sexualidades, a questão do aborto ou da eutanásia, entre tantas outras, suscitam debates e disputas no interior do campo religioso e na relação deste campo com os demais domínios da sociedade.

Além dessas temáticas, que acabam por envolver toda a sociedade, outras questões que poderiam ser consideradas internas ao campo religioso recebem notoriedade, atenção e contornos públicos: as diferenças teológicas acerca das ofertas e contribuições dos fiéis, a questão da prosperidade, da riqueza dos líderes religiosos, as inovações nas formas de culto e ritos e os modos como atuam na vida emocional e consciência dos indivíduos. São disputas internas do campo religioso, mas que adquirem relevância pública por suas implicações nos temas de interesse social, como a laicidade do Estado, as liberdades sociais, a consciência autônoma do indivíduo, as formas de exploração econômica e outras.

Assim, o debate quase privado a um grupo passa a ser de interesse de toda a sociedade, e as disputas internas a um campo passam a tocar os demais campos. As manifestações de opiniões divergentes que há dentro do campo religioso passam a conquistar visibilidade fora desse campo. Recentemente, valendo-se das mídias para buscar essa visibilidade, os grupos religiosos têm feito maior uso de páginas de internet, *blogs* e plataformas de redes sociais. É o que acreditamos ocorrer, de modo singular, no caso que nos dispomos a estudar, do *blog Genizah Virtual*. Trata-se de uma publicação que despontou entre as primeiras do gênero a surgirem no Brasil, e que adquiriu visibilidade no meio protestante. Propõe-se a denunciar abusos e provocar reflexões sobre correntes

e lideranças desse campo mas, ao mesmo tempo, apresenta seus temas como de interesse social, para serem compartilhados e debatidos no espaço público.

Nos valeremos das considerações até aqui levantadas, sobre o espaço público e o processo de publicização, para analisar em que medida o *Genizah Virtual* efetua a publicização de temas do campo religioso e de que modo o faz, considerando as possibilidades e estratégias que são aproveitadas no uso das mídias. Em nosso olhar para as posturas adotadas pelo *Genizah*, também nos aproximaremos da abordagem teórica e metodológica proposta por Verón (2004) para a descrição e análise das operações discursivas, com vistas a compreender o que é dito e como o discurso é veiculado pelo *blog*.

O caso Genizah Virtual

*Genizah Virtual*¹ se enuncia, na descrição do *site*, como “um blog não denominacional apologético” e que tem como marca “o bom humor, o respeito a sã doutrina e a inteligência”² (GENIZAH, 2013). O resumo, no rodapé do *blog*, define: “Genizah é site cristão com notícias sobre a igreja evangélica, cristianismo, apologética, teologia, heresias, política, religião, comportamento e humor” (GENIZAH, 2013).

A palavra Genizah (pronuncia-se Genizá) vem do hebraico bíblico e significa “depósito” ou “lixeira”. Segundo descrição do próprio *blog*, refere-se a um espaço nas antigas sinagogas onde eram guardadas cópias incorretas ou sobras de cópias das escrituras sagradas, que não podiam ser simplesmente jogadas fora por conterem o nome de Deus. Esses depósitos,

¹ Disponível em <<http://www.genizahvirtual.com/>> Acesso 08 Dez 2015.

² Disponível em <<http://www.genizahvirtual.com/p/o-nome-pronuncia-se-geniza.html>> Acesso 08 Dez 2015.

em tempos de perseguição religiosa, também serviam para ocultar textos sagrados, e muitos serviram de recurso para pesquisas arqueológicas na busca por manuscritos perdidos. O *site* continua afirmando: "Aqui nesta genizah virtual guardam-se exortações sobre a igreja contemporânea e reflexões que julgamos importantes na esperança que o Eterno encontre para estas propósito de edificação na vida de outros" (GENIZAH, 2013).

A intenção do *blog* é atuar na apologética (para os teólogos cristãos, a defesa da fé "genuína") contra aquilo que é considerado desvio de comportamento e doutrina nas igrejas contemporâneas. Conforme a guia "sobre", que descreve o *site*: "oferecemos bom combate a este marketing igrejeiro cuja raiz pode não é o marketing, tão pouco a igreja e sim o exercício de se vender algo que não é a verdade". E a autodescrição se conclui dizendo: "Dentro desta ótica, expor a Beleza do Cristianismo Bíblico é a meta. Com alegria e humor, pois assim é nosso Salvador. Sem hipocrisia e falso pietismo. E sendo necessário, vassoura na heresia!" (GENIZAH, 2013).

O *blog*, sempre mantendo linguagem ligada à sátira e ao humor como ferramentas de contestação, se desdobra em outras plataformas: uma página no Facebook e outra no Google Plus, um perfil no Twitter e outro no *Instagram*, um canal no Youtube e, por 21 edições, mas agora encerrado, um informativo periódico via e-mail, o *Almanaque Genizah*³. Todas essas plataformas divulgam e repercutem o conteú-

³ Disponíveis respectivamente em <<https://www.facebook.com/Genizah.blog/>>, <<https://plus.google.com/+genizah/>>, <<https://twitter.com/genizahvirtual>>, <<https://www.instagram.com/genizah/>> e <<http://www.genizahalmanaque.net/>>. Acesso 08 Dez 2015.

do do *blog*, e promovem diversificadas interações com seus públicos.

Os autores e colaboradores do *blog* são oriundos de diferentes igrejas, em geral identificados com a vertente protestante histórica (MENDONÇA, 1990) e, particularmente, de filiação teológica calvinista, que se opõem a práticas do meio neopentecostal, consideradas como manipulação e exploração dos fiéis ou como desvios da doutrina bíblica genuína. Em particular, ataques são feitos à chamada teologia da prosperidade (BOBSIN, 2002), que atrela e condiciona bênçãos terrenas e financeiras que os crentes possam receber de Deus à sua fidelidade aos líderes e às suas ofertas às igrejas.

No *Genizah*, há forte crítica às lideranças das igrejas neopentecostais, bem como a seus representantes políticos. Personalidades conhecidas desse meio como Silas Malafaia, Edir Macedo, Valdomiro Santiago e o deputado federal Marco Feliciano estão entre os alvos frequentes, com a publicação de textos que questionam suas posturas, de vídeos com trechos de suas falas e práticas e de imagens satíricas adaptadas ao formato meme.

Responsável pelo *blog*, o publicitário Danilo Fernandes⁴ disse, em entrevista veiculada no Youtube⁵ em 2011, que o *site* chegou a ser, naquele tempo, o mais acessado do Brasil, com 45 mil visitantes diários (CRESPO, 2011). Já no mês em que efetuamos este estudo, o *site Traffic Estimate* avaliava um número

⁴ Mantendo o tom humorístico do *blog*, não é incomum Danilo Fernandes se definir como “marqueteiro” e “o irresponsável pelo *blog*”.

⁵ Entrevista concedida a Ubirajara Crepo e postada no Youtube em 23 de Setembro de 2011. Disponível em <<https://youtu.be/G0UHSSctXCk>>. Acesso 08 Dez 2015.

aproximado de 82.900 visitas. Segundo o mesmo *site*, o *Genizah* aparecia em segundo no ranking das páginas que utilizam a palavra-chave (*tag*) “cristianismo” como identificação e o quarto entre os que utilizam “cristo” e “igreja”. Mesmo em aparente queda quanto ao número de visitas, considerando os dados alegados pelo fundador anos atrás, o *blog* ainda tem grande relevância para o público a que se dirige, sendo popular inclusive entre pastores e estudantes de teologia. Segundo o próprio Fernandes afirmou na entrevista supracitada, o público do *blog* é composto por pessoas que frequentam igrejas e dos chamados “desigrejados” – pessoas que foram feridas e magoadas por igrejas e lideranças religiosas.

A visibilidade do *blog* em seu meio é tamanha que mesmo os opositores, que são alvos de suas críticas, o acessam, segundo Danilo Fernandes, até para saberem do que e como se defender:

Bom, a gente sabe, Malafaia assiste, porque já me chamou de filho do diabo por uma coisa que ele leu lá, e ditou direitinho o que tava escrito. Isso já duas vezes, então ele lê. O Marco Feliciano também lia, mas a gente acabou né... se entendendo numa entrevista que nós tivemos. Essa turma lê, os falsos profetas leem mesmo, inclusive até pra falar com os advogados (CRESPO, 2011)⁷.

O *blog* já foi alvo de processos judiciais. Tem, inclusive, uma aba com o título “Jurídico”, em que justifica seus modos de dizer utilizando argumentos e citações do campo do direito a respeito da liberdade religiosa e liberdade de expressão, bem como descrevendo sua política quanto aos comentários de terceiros, direitos autorais e responsabilidade sobre as publicações.

Na história do *Genizah*, houve saídas de colaboradores, devido a diferenças teológicas ou a realinhamentos ideológicos e debates internos, especialmente no que tange a posicionamentos políticos. Um exemplo é o caso de Ariovaldo Ramos, que se afastou do grupo supostamente por suas posições políticas e teológicas mais progressistas, alinhadas com demandas e ideologias tidas como de esquerda (mesmo que o próprio *Genizah* por vezes receba o rótulo de progressista entre os protestantes que o leem e reagem a seus conteúdos). Não faremos aqui análise no sentido de identificar os posicionamentos ideológicos dos integrantes do *blog*, mas nos interessa destacar o fato de que, mesmo que não haja unanimidade de posicionamentos, há um alinhamento em torno de uma postura crítica, porém ainda conservadora. Esse contrato de leitura (VERÓN, 2004) propõe aos seus enunciatários uma atitude crítica quanto às práticas cristãs, clamando por maior racionalidade, honestidade, luta contra a hipocrisia e por demonstrações efetivas de amor ao próximo, mas também conservadora no que tange à política nacional e a questões como sexualidade e gênero e quanto às mudanças sociais apregoadas pelos movimentos progressistas ou "de esquerda".

As críticas de *Genizah* às posturas cristãs não se dirigem apenas às igrejas neopentecostais e à teologia da prosperidade. Temas são levantados e repercutidos conforme as reações de igrejas e seguimentos a acontecimentos sociais, como no caso da transexual que causou polêmica ao atuar como se estivesse pregada em uma cruz, na parada gay de São Paulo em 2015. Naquela ocasião, Hermes Fernandes, um dos integrantes do *blog*, escreveu um texto

que se intitula “Ofendido com o transexual crucificado na parada gay?”⁶. No artigo, ele afirma:

Particularmente, não me senti nem um pouco ofendido ao ver um transexual pregado numa cruz. Afinal, Jesus não morreu somente por héteros. Na cruz, Ele Se identificou com os excluídos, os oprimidos, os marginalizados, e ao fazê-lo, assumiu em Si todos os nossos pecados, sejam de que natureza forem, inclusive sexual. Não há dilema humano que não caiba na cruz.

O que vi representado naquela cena foi o sofrimento de um segmento que tem sido vítima de nosso preconceito, nojo e ódio. O que deveria nos incomodar não é a cena em si, mas aquilo que ela pretende denunciar. E por mais doloroso que seja admitir, temos engrossado o coro de seus algozes. Nossos discursos inflamados, travestidos de piedade cristã, só fazem fomentar ainda mais a intolerância e o desamor.

O que para alguns pareceu um insulto, para mim soou como um pedido de socorro. Se a intenção era apenas provocar, eles conseguiram. Provocaram o que já estava latente em nós, nosso ódio inconfessável ou nossa compaixão. (FERNANDES, 2015b)

Adotando aqui a perspectiva de Verón (2004), segundo a qual, nos discursos, o sujeito enunciator apresenta uma imagem de si mesmo e, ao mesmo tempo, constrói uma imagem de seus enunciatários, vemos aqui a tentativa de enunciar um cristão evangélico que se opõe às formas de ódio e preconceito, ainda que conserve sua visão conservadora de mundo. Alguém que se diferencia da imagem comumente apresentada nos meios de comunicação e do discurso de lideranças que procuram falar em nome do campo religioso protestante.

⁶ Disponível em <<http://www.genizahvirtual.com/2015/06/ofendido-com-o-transexual-crucificado.html>>. Acesso 08 Dez 2015.

Um outro exemplo em que se pode ver essa postura, que inclui uma estratégia de aproximação da sociedade pela via da autocrítica, é o artigo “A religião e suas gaiolas”, de Carlos Moreira⁷. Eis um trecho emblemático, que mostra uma compreensão crítica do próprio campo religioso cristão no Brasil:

No Brasil, o fenômeno religioso-cristão é passível de estudo. Ainda que templos e catedrais estejam lotados, as manifestações de fé são cada vez mais patológicas. A quantidade de gente adoecida por causa de crenças perversas e infundadas é alarmante. A religião tem esse poder: quando não sara a consciência, adocece todo o resto. Se Marx fosse vivo, diria que esse tipo de prática é o “Rivotril do povo”.

O cristianismo brasileiro é, na verdade, uma hidra com muitas cabeças. A igreja de Roma tenta sobreviver à secularização, busca de todas as formas preservar heranças moribundas das práticas ibéricas que submergiram no Velho Continente. A igreja Protestante, por outro lado, é a expressão da perversão, resultado da alquimia que simbiotizou doutrinas judaizantes, positivismo filosófico, costumes das religiões Afro e o pentecostalismo americano do início do século XX. Exceções? Sim, existem, mas pouquíssimas! (MOREIRA, 2015).

Ainda se pode citar, neste sentido, o texto não assinado com o título: “Evangélicos disseminando ódio contra outras religiões. Boechat está certo. Olha aqui um belo exemplo”⁸. (GENIZAH, 2015). Na ocasião, junho de 2015, o jornalista Ricardo Boechat, na rádio Band News FM, havia afirmado que muitos pasto-

⁷ Disponível em <<http://www.genizahvirtual.com/2015/05/a-religiao-e-suas-gaiolas.html>>. Acesso 06 Dez 2015.

⁸ Disponível em <<http://www.genizahvirtual.com/2015/06/evangelicos-disseminando-odio-contra.html>>. Acesso 08 Dez 2015.

res evangélicos acabam por insuflar ódio contra as religiões afro-brasileiras em suas pregações. Houve discordância raivosa do pastor Silas Malafaia, respondida com ironia e palavras de baixo calão pelo jornalista. O fato suscitou memes e debates nas redes sociais⁹ e, no texto referido acima, o *Genizah* se pronunciou divulgando um vídeo com trecho de pregação do pastor Lucinho Barreto, com discurso de ódio contra religiosos afro, gays, feministas, entre outros. O *site* defendeu que a maioria do povo evangélico é “pacata e ordeira”, mas que negar que o discurso de ódio “existe e está aí evidente nas redes sociais para todo mundo ver é um desserviço à Igreja. Ao, contrário, concordando que há um problema, enfrentamos” (GENIZAH, 2015).

Por outro lado, em contraponto à postura de autocrítica e ao fato de se enunciar como sujeito tolerante, que busca por respeito às diferenças e maior demonstração de amor cristão no espaço público, *Genizah* também traz posicionamentos conservadores a respeito de algumas das mudanças que ocorrem no interior do campo protestante. Usa como estratégia discursiva, não raras vezes, um humor ácido e a linguagem contundente que beira a intolerância, tendo como efeito de sentido (VERÓN, 2004) uma postura de aguerrida defesa das doutrinas bíblicas tradicionais.

Exemplo disso é o modo como o *blog* repercutiu a notícia da aceitação de pastores e pastoras homossexuais por uma das igrejas luteranas nos Estados Unidos, a *Evangelical Lutheran Church* (ELCA). O título escolhido foi o seguinte: “Luteranos americanos ade-

⁹ Exemplos podem ser vistos em <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/tecnologia/noticia/2015/06/19/confusao-de-boechat-e-malafaia-vira-meme-nas-redes-sociais--186766.php>>. Acesso 20 Set 2016.

rem à boiologem e terão pastores (as) gays e lésbicas casados com pessoas do mesmo sexo!"¹⁰. Vejamos o comentário de Danilo Fernandes no texto (*sic*):

Os presbiterianos da escócia já liberaram a viagem, um soco no estômago dos irmãos das igrejas presbiterianas brasileiras, eu incluso. Nos Estados Unidos (e Inglaterra, parte) também, a maioria dos anglicanos já sucumbiu a pederastia, levando ao exemplo aqui no Brasil onde boa parte do rebanho já deixa a boiologem correr solta...

Não existe pecadinho e pecadão. Este não é pecado maior do que outros, como o adultério, por exemplo. Contudo, a igreja deve receber o pecador, mas o pecado fica do lado de fora. Ou há salvação sem arrependimento? Ah! Mas ser gay não é pecado... Vai ler a Bíblia camaradinha! Passa amanhã para ver se as Escrituras Sagradas mudaram! Creio que não mudam! (FERNANDES, 2015).

Nota-se, assim, que o *blog* adota como estratégia discursiva certo apagamento das fronteiras entre o pensamento evangélico e a sociedade secular, pela via de uma enunciada tolerância, mas também traz marcas discursivas de intensa resistência às mudanças no campo religioso. Evidencia um embate constante entre o cristianismo ortodoxo e as inovações teológicas e morais que são observadas.

No momento em que líamos o referido texto, o próprio *blog* mostrava marcas discursivas desse seu modo próprio de tratar desses embates, valendo-se do humor ácido e provocador como estratégia,

¹⁰ Disponível em <<http://www.genizahvirtual.com/2009/08/luteranos-americanos-aderem-boiologem-e.html>>. Acesso 06 Dez 2015.

através do recurso de chamada para os “posts relacionados”:

Figura 3: Chamada para posts relacionados à homossexualidade em igrejas cristãs

Fonte: <http://www.genizahvirtual.com/2009/08/luteranos-americanos-aderem-boiologem-e.html>

E não é somente na crítica interna ao cristianismo que o *Genizah* assume tal postura, mas também nas discussões públicas envolvendo outras religiões. Como exemplo, trazemos um trecho sobre a questão dos refugiados islâmicos, no contexto em que foi amplamente debatida no ano de 2015. O texto de Braulia Ribeiro, com o título “Não tenho culpa pela tragédia do menino sírio”¹¹ explicita o posicionamento do *blog* contra a religião islâmica, que é tomada como fomentadora do ódio e dos conflitos que assolam o Oriente Médio e que têm suas consequências no movimento migratório para a Europa:

¹¹ Disponível em <<http://www.genizahvirtual.com/2015/09/nao-tenho-culpa-pela-tragedia-do-menino.html>>. Acesso 06 Dez 2015.

A Europa não só tem o direito, mas o dever moral de defender suas fronteiras. [...] O culpado único desta tragédia é o islamismo em todas as suas formas, radicais ou não. Esta é a cosmovisão que nutre este ódio mútuo entre as etnias do Oriente Médio, que justifica genocídio, que torno o mal em sua forma mais bruta em virtude (RIBEIRO, 2015).

Enfim, o que se nota é que as posturas enunciativas (VERÓN, 2004) de *Genizah* são variáveis. Ao mesmo tempo em que problematiza a tolerância e o respeito às diferenças por parte dos cristãos, ataca com humor sarcástico, que beira a ofensa, aquilo que é considerado desviante em algumas situações de diferença. A postura discursiva mais ou menos ácida e contundente parece depender das temáticas e das teologias e práticas que possam estar em disputa no campo religioso. O que predomina, no entanto, é a intenção de não negar, mas de trazer à tona, por meio de variados discursos, os conflitos internos ao campo e as divergências deste com os demais domínios da sociedade, que têm suas próprias ideologias e práticas.

Genizah, de fato, efetua a publicização de temas do campo religioso, em duas formas: à medida em que os tensiona internamente e os relaciona com as heranças históricas e doutrinárias do cristianismo; e também à medida em que reage a temas em destaque no âmbito social, levantando voz a respeito deles a partir das referências e valores cristãos. Cabe a reflexão sobre o modo como o *blog* se propõe a fazer isso, e sobre se esta forma atenderia o que os autores citados nesse artigo têm ressaltado como características do debate no espaço público.

Quanto às estratégias, lembremos o que Romeyer (2015) diz sobre as operações incluídas no processo

de publicização: a seleção, a focalização, a argumentação e a dramatização das questões. O modo como *Genizah* busca dar visibilidade às questões pode ser descrito também nesses termos. Em primeiro lugar, seleciona-se aqueles aspectos do religioso que tenham impacto social, ou os temas já em debate no espaço público que tocam o religioso. Em seguida, o foco é definido sobre os aspectos que problematizam a relação do fiel protestante/evangélico com as suas tradições e raízes doutrinárias: em alguns casos, os modos como as inovações litúrgicas ou as práticas do campo religioso se mostram estranhas se comparadas à tradição cristã; em outros, como as ideologias e movimentos laicos ou de outras religiões têm impacto sobre o campo. A argumentação se dá com base na tradição teológica protestante, mas sempre tentando encontrar pontos de contato da mesma com formas de pensamento que tenham relevância social. E a dramatização ocorre predominantemente pela via do humor, sátira ou da provocação.

Importante lembrar aqui o que Romeyer diz sobre as finalidades em todo esse processo:

O objetivo da interação comunicativa não é a produção de consenso a qualquer preço. Ela visa à intercompreensão, o que a diferencia de uma simples operação de comunicação. A partir daí, um dispositivo – inclusive digital (fóruns, blogs) – de comunicação não basta para definir um processo de espaço público. A troca racional de argumentos está a serviço da intercompreensão e do “viver junto” (ROMEYER, 2015, p. 121).

Por isso, podemos refletir aqui sobre a racionalidade do debate promovido em *Genizah*, a partir dos critérios que Martino (2014) citara. O primeiro deles, o reconhecimento do interlocutor, é um ponto de

indefinição no *blog*, uma vez que, ora ele chama à reflexão sobre o modo de os protestantes tratarem o diferente no âmbito social, ora caricaturiza ou estigmatiza o diferente dentro do próprio campo religioso. Como o tom predominante é de provocação por meio do humor, esse reconhecimento das virtudes e dignidade do outro é problemático.

É preciso fazer a ressalva, porém, de que todo humor é destinado a um contexto e, como afirma Peruzzolo (2010, p. 104) “supõe um reconhecimento do quadro sociocultural em que se constrói e ocorre a mensagem”. Por isso é possível compreender que *Genizah* se dirija com termos mais ácidos e provocativos às questões internas do campo protestante, em que os envolvidos se reconhecem e no qual pode ser que as brincadeiras tenham maior sentido.

Quanto ao segundo ponto, a igualdade de condições entre os que debatem, a ausência de hierarquia entre os participantes, o ambiente digital em que *Genizah* publica é em si aberto, e de fato há outros *blogs* que lhe fazem oposição e discutem temas semelhantes em igualdade de condições.

Além disso, convém lembrar que o próprio meio protestante tem suas peculiaridades no que tange à hierarquia. Não há centralização em uma autoridade única, como a figura papal no catolicismo. Cada denominação protestante se define por uma interpretação bíblica e por práticas que considera aceitáveis e busca certa unidade e, apesar de haver em algumas delas uma busca constante por unidade de pensamento, nada impede que outras igrejas sejam geradas em seu meio. Por isso, o protestantismo tem, em sua origem, uma forte tendência à fragmentação e à diversidade, a ponto de se constituir, na verdade,

como protestantismos, no plural (MENDONÇA, 1990). Diversificam-se as interpretações das escrituras sagradas, e assim são múltiplas as práticas religiosas. Essa diversidade é exacerbada e se torna ainda mais visível no ambiente digital, e é ali que aquilo que causava estranheza passa a ser tratado com humor. Devido às facilidades de publicação, diversos *blogs* e páginas em redes sociais, inclusive em posições divergentes ao *Genizah*, se apropriam do humor como estratégia para motivar seus correligionários ou para ridicularizar os adversários.

Quanto ao terceiro critério de racionalidade, o respeito às regras, evidencia-se no caso estudado aquilo que Martino (2014) já ressaltara como próprio dos ambientes *online*, ou seja, que de nem todas as postagens se pautam em argumentos, partindo, muitas vezes, para ataques pessoais. *Genizah* é criticado por adversários, inclusive blogueiros do mesmo setor protestante, por exagerar nos ataques. E não são raras as manifestações, nos comentários das postagens do *blog* ou na sua página no Facebook, de pessoas que se sentem ofendidas pelo modo como seus pastores e suas igrejas são retratadas.

Se *Genizah* promove realmente o debate racional ou apenas age como provocador, é algo que varia muito conforme o assunto abordado e o teor da postagem – se sátira ou artigo de opinião. A postura varia também conforme as personagens envolvidas. Quando se refere a personalidades já emblemáticas do meio neopentecostal, tidas como bastante caricatas já em outros meios, não há qualquer esforço no sentido de poupar palavras ou brincadeiras com a imagem pessoal. O mesmo ocorre quando se trata de divulgar vídeos de ritos litúrgicos que envolvem traços

dissonantes em relação à tradição protestante histórica, como exorcismos, danças no culto, pregações de cunho cômico, apelos exacerbados por ofertas dos fiéis, entre outros aspectos.

Por outro lado, o *blog* parece ser bastante ponderado quando trata de temas de interesse social, que surgem fora do campo religioso, mas que o tocam ou sobre os quais se acredita que ele deve se manifestar. Têm-se, assim, uma espécie de franqueza desmedida com os de dentro, mas um cuidado maior com os de fora do campo, apesar de se guardar ainda o tom humorístico.

Considerações finais

Como vimos no início do artigo, o conceito de publicização se mostra profícuo para a compreensão das formas contemporâneas de debate, particularmente no ambiente das mídias digitais. A chamada blogosfera constituiu-se como uma das facetas desse processo e o campo religioso é um dos diversos campos de conhecimento que lança mão de seus recursos e estratégias.

No caso específico de *Genizah Virtual*, evidencia-se uma forma peculiar de publicização dos temas e questões, em que se lança mão de reflexões provocativas e de discursos vinculados ao humor. Seja nos textos mais ponderados e reflexivos, seja nas provocações ácidas e contundentes, o *blog* efetua o movimento de trazer para o espaço público da internet as questões internas do campo religioso, conferindo a elas maior visibilidade e relevância. Da mesma forma, por meio das reações às mudanças que ocorrem na sociedade a partir da teologia e da visão de mundo protestante, busca inserir os fiéis no debate democrático dos temas de relevância social.

As posturas adotadas pelos autores das postagens, as formas de manifestação em parte de suas publicações, especialmente as de tom satírico ou sarcástico, podem ser questionadas e merecem ser analisadas, mas de modo geral ocorre uma problematização, um desnudamento e um estímulo ao debate que são próprias do ideal de espaço público.

Podemos compreender esse movimento como parte de um contexto mais abrangente, no qual o campo religioso e seus agentes buscam, por meio de variadas possibilidades de publicização, sua própria legitimação e, ao mesmo tempo, modificam suas práticas, lógicas, estratégias e processualidades. A reflexão poderá ser expandida ainda se considerarmos esse fenômeno como parte de uma dinâmica mais abrangente, própria da chamada sociedade em midiatização (BRAGA, 2006; FAUSTO NETO, 2008; VERÓN, 2014), procedendo, como componente importante, a midiatização da religião.

Referências

BOBSIN, Oneide. **Correntes religiosas e globalização**. São Leopoldo, RS: Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) e Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia (IEPG); Curitiba, SC: Pastoral Popular Luterana, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. **Animus**, Santa Maria, RS, vol. 5, n.2, p.9-35, jul/dez. 2006.

CRESPO, Ubirajara. **Entrevista com Danilo, do Genizah**. 2011. Disponível em <<https://youtu.be/G0UHSctXCk>>. Acesso 08 Dez 2015.

ESTEVES, João Pissarra. Novos Media e Deliberação: Sobre Redes, Tecnologia, Informação e Comunicação. **IC - Revista Científica de Información y Comunicación** 2010, 7, pp. 171-191.

FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma "analítica" da midiatis-zação. **Matrizes**, São Paulo, vol.1, n.2, p. 89-105, abr. 2008. Dispo-nível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/88>>. Acesso em 22 Jul 2015.

FERNANDES, Danilo. **Luteranos americanos aderem à boiologia e terão pastores (as) gays e lésbicas casados com pessoas do mesmo sexo!** 2015. Disponível em <<http://www.genizahvirtual.com/2009/08/luteranos-americanos-aderem-boiologia-e.html>>. Acesso 06 Dez 2015.

FERNANDES, Hermes. **Ofendido com o transexual crucificado na parada gay?** 2015. Disponível em <<http://www.genizahvirtual.com/2015/06/ofendido-com-o-transexual-crucificado.html>>. Acesso 08 Dez 2015.

GENIZAH, **Apologética com humor**. Disponível em <<http://www.genizahvirtual.com/>> Acesso 08 Dez 2015.

_____. **"Evangélicos disseminando ódio contra outras religiões. Boe-chat está certo. Olha aqui um belo exemplo"**. Disponível em <<http://www.genizahvirtual.com/2015/06/evangelicos-disseminando-odio-contra.html>>. Acesso 08 Dez 2015.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investiga-ções quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janei-ro: Tempo Brasileiro, 2003.

INNERARITY, Daniel. **O novo espaço público**. Lisboa: Teorema, 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, am-bientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARTINO, Luiz C. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da co-municação. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. **Teorias da comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MENDONÇA, ANTÔNIO GOUVÊA. Evolução Histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990, p. 11-60.

MOREIRA, Carlos. **A religião e suas gaiolas**. 2015. Disponível em <<http://www.genizahvirtual.com/2015/05/a-religiao-e-suas-gaiolas.html>>. Acesso 06 Dez 2015.

PERUZZOLO, Adair. **Entender a persuasão**. Curitiba: Honoris Causa, 2010.

RIBEIRO, Bráulio. **Não tenho culpa pela tragédia do menino sírio**. 2015. Disponível em <<http://www.genizahvirtual.com/2015/09/nao-tenho-culpa-pela-tragedia-do-menino.html>>. Acesso 06 Dez 2015.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Experiência, modernidade e campo dos media. **Biblioteca On Line de de Ciências da Comunicação**. Portugal, 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-expcampmedia.pdf>>. Acesso em 22 Jul 2015.

RODRIGUES, Adriano D.; BRAGA, Adriana A. Interação, discurso e espaço público em ambiente digital. In: CASTRO, Paulo César (org.). **Dicotomia público/privado: estamos no caminho certo?** Maceió: EDUFAL, 2015.

ROMEYER, Hélène. Do espaço público ao processo de publicização: o caso das questões de saúde. In: CASTRO, Paulo César (org.). **Dicotomia público/privado: estamos no caminho certo?** Maceió: EDUFAL, 2015.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um Tecido**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2004.

_____. Teoria da mediatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, jan/jun. 2014. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/561>>. Acesso em: 22 Jul 2015.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1996.

HERIVELTON REGIANI

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. E-mail: heriveltonreg@gmail.com

VIVIANE BORELLI

Professora do Programa de Pós-Graduação da UFSM. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos (2007). Realizou em 2015-2016 estágio Pós-Doutoral na Universidade Nova de Lisboa, Portugal, com bolsa Capes. E-mail: borelliviviane@gmail.com